> Sua voz em nossas cabeças: 20 anos sem Sebald

> His voice in our heads: 20 years without Sebald

por Beatriz Malcher

Doutora em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCL-UFRJ) e mestra em Comunicação e Cultura pelo PPGCOM da referida Universidade. Atualmente é pós-doutoranda no PPGCL-UFRJ. ORCID: 0000-0003-4077-3860.

Por Davi Alexandre Tomm

Doutor em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGL-UFRGS). ORCID: 0000-0001-5713-0701.

> Apresentação recebida em 02.12.2020 e aceita em 02.12.2021.

Eu não podia acreditar que Austerlitz havia morrido.
Embora outros tenham morrido naquele ano, sua morte foi estranha.
Sua voz havia se internalizado em minha cabeça
e eu continuava ouvindo-a para ver como ela arranjaría
os móveis que encontraria lá.
... Ele iria desenredar
o mundo da memória e enredá-lo novamente
um pouco fora do eixo como se fosse um abrigo
ou uma sebe contra a má sorte. *Você não pode explicar
a história para ela mesma*, ele disse. *Ela não tem
ouvidos ou olhos. A humanidade precisa treinar
a si mesma para refocar ou fazer um jogo de espelhos.*

George Szirtes¹

No dia 14 de dezembro de 2001, o escritor alemão W. G. Sebald voltava para sua casa em Norwich, pela estrada que vai de Bungay a Poringland, no norte da Inglaterra, um trecho com poucas construções, mas muitos campos e fazendas, além de alguns bosques. Em um trecho a pouco mais de cinco milhas de Norwich, ele tentou lidar com uma das curvas da estrada e acabou saindo do seu lado da pista para colidir com um caminhão que vinha no sentido contrário. Além do autor e professor universitário, que morreu na hora, sua filha, que estava ao seu lado, ficou gravemente ferida.

Partindo de um esforço crítico sebaldiano de repensar a nossa história composta quase toda por calamidades², notamos que foi também em um dia 14 de dezembro, mil quatrocentos e quarenta e quatro anos antes, que um terremoto causou severos danos à cidade de Constantinopla; setecentos e catorze anos antes, uma tempestade no mar destruiu um muro de proteção na Holanda, matando mais de cinquenta mil pessoas; os irmãos Montgolfier, duzentos e dezenove anos antes, testaram pela primeira vez um balão não tripulado na França; o restante do Grande Exército napoleônico foi expulso da Rússia, cento e

¹ I could not believe that Austerlitz was dead./ Though others had died that year his death was strange./ His voice had internalised itself in my head/ and I kept listening to see how it would arrange/ the furniture it found there./ ... He would unwind/ the world of memory and wind it up again/ a little off-centre as though it were a blind/ or hedge against bad luck. You can't explain/ history to itself, he said. It has/ neither ear nor eyes. Humankind must train/ itself to refocus or play mirror. (Tradução nossa.)

² Uma similar enumeração é feita ao fim de *Die Ringe des Saturn* [*Os anéis de saturno*] (1995), dando tom à toda a reflexão levada adiante no livro justamente acerca de nossa *Kalamitäten Geschichte* [*História de calamidades*].

oitenta e nove anos antes, pondo fim à invasão francesa àquele país; Eugene Cernan se tornou a última pessoa a andar na lua, vinte e nove anos após a terceira e última expedição extraveicular da missão Apollo 17; um helicóptero com refugiados de Abecásia, durante a guerra contra o governo da Geórgia, foi abatido no cerco de Tkvarcheli, em 1993, matando 52 pessoas, entre elas, 25 crianças; chuvas torrenciais em Vargas, na Venezuela, causaram a morte de dez mil pessoas, e a destruição de milhares de casas, em 1999; no estado de Connecticut, na escola de Sandy Hook, em 2012, um atirador matou vinte e oito pessoas, e suicidou-se logo em seguida. Nesse mesmo dia, em 1510, morreu Frederico da Saxônia; assim como George Washington, em 1799; o marido da rainha Vitória, príncipe consorte Albert, em 1861; Franz Schlegelberger, secretário de estado no Ministério da Justiça do Terceiro Reich e Ministro da Justiça provisório entre 1941 e 42 (período em que o número de sentenças de morte subiu exponencialmente), morreu em 1970 – Schlegelberger foi quem, diante da solução final, sugeriu que ela se aplicasse apenas a judeus puros, dando aos meios judeus a chance de escolher entre evacuação ou esterilização. Por fim, nesse mesmo dia, em 1990, o autor suíço Friedrich Dürrenmatt morreu.

Como diz o poema de Szirtez, outros morreram naquele ano de 2001, e não há como não lembrar que estamos falando do ano de um dos acontecimentos mais marcantes de nossa história recente, o 11 de setembro – um desses eventos que devem ter marcado a memória de Sebald, e que, fazendo um desses exercícios imaginativos que ele mesmo considerava dubio e perigoso, poderia figurar em alguma de suas obras futuras, caso ele tivesse continuado vivo. Porém, para o poeta inglês, nascido húngaro (um típico personagem sebaldiano: artista refugiado aos oito anos de idade e que não voltou para seu país de origem), o que está marcado na sua memória é a morte de Austerlitz/Sebald, pois ela foi estranha (mais do que as mortes de mais de duas mil pessoas em um atentado totalmente inesperado e surpreendente de todos os pontos de vista possíveis?). É claro que essa estranheza está relacionada também à contingência que marca toda morte inesperada, mas no caso de Szirtez, como ele diz no poema, foi algo mais; foi pelo fato de a voz de Sebald ter se internalizado em sua cabeça, e ter continuado lá para que ele a ouvisse ainda depois da morte do amigo.

Não há como negar que a voz desse autor tão peculiar continuou a ser ouvida nas cabeças de muitos leitores e estudiosos de sua obra. A já considerável produção crítica sobre sua obra nos últimos anos de sua vida – especialmente depois das publicações de seus livros em inglês, que começa em 1996 – cresceu exponencialmente depois de sua morte. Hoje, qualquer pesquisador que se interesse por estudar a obra do autor terá que lidar com uma fortuna crítica imensa. Não só em língua alemã, mas também no mundo anglófono, são inúmeros trabalhos acadêmicos, artigos e livros sobre o autor. Naquele mesmo ano de 2001, alguns meses antes, Sebald tinha lançado seu último livro *Austerlitz*, que saiu simultaneamente em alemão e inglês, e foi muito aclamado, considerado seu melhor trabalho por muitos de seus críticos. Talvez, somente o lançamento dessa obra já fosse o suficiente para um crescimento de interesse de crítico e de público por Sebald, mas é provável que a sua morte prematura (o autor contava, então, com 57 anos) tenha sido um elemento potencializador para isso. Seus quatro livros em prosa e um livro em verso são marcados pelo profundo tom melancólico do narrador, que demonstra um interesse especial pelas histórias daqueles que já haviam partido, tornando o “reino dos mortos”³ um dos principais vetores da sua escrita. Sebald considerava a literatura como o tipo de escrita onde se poderia fazer uma tentativa de restituição, onde aqueles que já partiram e não puderam contar suas histórias poderiam ter sua voz⁴ ouvida. Assim, nada mais condizente com a própria obra de Sebald que, após a partida dele, sua voz se tornasse cada vez mais ouvida através de tantos trabalhos acadêmicos e críticos em todo o mundo.

No Brasil, esse interesse na obra do autor começou a crescer mais recentemente. O livro de André Bueno, *A pequena escala: Sebald e as mediações da memória*, de 2017, é um exemplo. Bueno parte da forma ensaística, também elegida por Sebald em seus trabalhos de crítica e tensionado em suas prosas de ficção, e trata de um dos elementos mais característicos da obra do autor: o modo indireto como ele aborda a violência e a destruição que permeiam a nossa história

³ Para usar uma expressão de Kittler, que será foco de um dos textos deste dossiê.

⁴ Voz que Susan Sontag, uma das primeiras divulgadoras da obra do autor no mundo de língua inglesa, chamou de grave, sinuosa e precisa, indicando inclusive se tratar da grandeza literária de sua época.

do progresso. Para Sebald, leitor de Walter Benjamin, a intenção de chocar através de uma apresentação crua e direta da violência e do horror só pode levar a um impacto emocional que sempre é acompanhado de um bloqueio cognitivo, impedindo a correta reflexão sobre os eventos de nossa história. A partir de uma leitura atenta, Bueno pensa a forma fragmentária de *Austerlitz* e *Os imigrantes* como uma resposta crítica, ética e estética, à exposição imediata da barbárie, especialmente tendo em vista a *Shoah*, seus antecedentes e suas consequências.

Kelvin Falcão Klein, que assina um dos artigos deste dossiê, também vem dedicando anos de pesquisa à obra do autor alemão, trazendo importantes contribuições para a sua fortuna crítica, propondo um potente diálogo entre a obra crítica e literária de Sebald e, a partir disso, extraíndo reflexões de longo alcance no que tange a problemática da história natural e da relação entre imagem e memória. Para além da publicação de inúmeros artigos, Klein também foi responsável, ao lado de Maria Aparecida Barbosa, pela organização do importante dossiê “W.G. Sebald”, publicado em 2016 nos *Cadernos Benjaminianos*, que contou com a contribuição de importantes estudiosos do autor, como Antonio Marcos Pereira, Üwe Schutte, Ruth Bohunovsky, Douglas Valeriano Pompeu, Paula Carolina Betereli, Ben Hutchinson, Anne Fuchs, Cássia Sigle, além dos próprios organizadores. O dossiê certamente representa um marco nos estudos sobre Sebald no Brasil, reunindo pela primeira vez no país trabalhos com pontos de vista teóricos e metodológicos distintos que tentam dar conta da multiplicidade da obra do alemão. Além de colocar em circulação e debate seus críticos, o dossiê também trouxe a tradução de duas entrevistas do próprio autor⁵, o que certamente ampliou o acesso do público nacional às suas ideias.

O interesse e a consequente amplificação no campo de estudos sebalidianos acabou impactando também pesquisadoras e pesquisadores em formação: ao longo da última década, um grande número de jovens intelectuais desenvolveu dissertações de mestrado e teses de doutoramento com o objetivo de refletir acerca das contribuições críticas, estéticas e teóricas de Sebald, não apenas para

⁵ São elas: “Ecos do passado”, concedida à Piet de Moor em 1992, e “Realismo não basta”, concedida à Ralph Schock em 1993. Ambas as traduções para a língua portuguesa foram elaboradas por Cássia Sigle e Cláudia Regina Peterlini.

a Literatura, mas para o campo artístico e filosófico, de modo mais amplo⁶. Nós mesmos, organizadores deste dossiê, situamo-nos neste rol de pessoas cujo interesse na obra do autor alemão levou ao desenvolvimento de pesquisas de longo prazo, tendo como consequência nossas respectivas teses de doutoramento⁷. No entanto, apesar de nosso interesse pela obra de Sebald ter nos possibilitado trocar ideias e textos ao longo de nossas respectivas pesquisas de doutorado, foi graças à ponte estabelecida entre nós por Kelvin Falcão Klein, que a proposta do presente dossiê tomou forma.

Seu pontapé inicial foi dado justamente a partir da percepção sobre esta onda de pesquisadores cujo interesse na obra de Sebald vêm levando a importantes constatações, não apenas para questões de ordem estética, ética, histórica e filosófica, mas também para temas que tocam a nossa contemporaneidade. E nenhum momento poderia ser mais pertinente para a publicação deste dossiê que o presente, quando se completam 20 anos da trágica e prematura morte de Sebald. Prestando, portanto, a devida homenagem ao autor, o objetivo deste dossiê foi reunir contribuições em torno da sua obra, explorando a variedade de temas, questões e problemas que permeiam seus livros, os quais têm interpelado o interesse de pesquisadores das mais inúmeras áreas do pensamento. A aposta principal foi a de observar como o crescente interesse acadêmico sobre a sua obra tem contribuído para a renovação dos debates, não apenas da grande área da Teoria Literária, mas também de áreas que são igualmente contempladas pelos temas contidos em seus livros e ensaios, como a historiografia, a filosofia, a fotografia, a arquitetura, dentre tantos outros.

⁶ Por conta da grande quantidade de trabalhos escritos acerca do autor, e pelo risco de deixar de fora alguma contribuição ou pesquisa em andamento, optamos por não apresentar diretamente o título destas pesquisas. No entanto, muitas delas já estão acessíveis nos bancos de teses das principais universidades do país e da CAPES.

⁷ A tese de Beatriz Malcher, “Sombras do Progresso: dialética, história e materialismo em *Os Anéis de Saturno*, de W.G. Sebald”, foi defendida em 2020 pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob orientação do Professor André Bueno, e financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Já a tese de Davi Tomm, “‘Image of our insane presence on the surface of the earth’ - Literatura e Insanidade como crítica do progresso na obra de W. G. Sebald”, foi defendida em 2021 pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Professora Kathrin Rosenfield e financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Vinte anos após a sua morte, o trabalho intelectual de Sebald nos parece lançar olhares renovados e colocar sempre novas dúvidas sobre o sentido da modernidade e da(s) pós-modernidade(s), trabalhando a partir de uma atualização de modelos críticos e dialéticos, para pensar o mundo a partir e através da contradição. Diante disso, este dossiê procurou sistematizar os múltiplos pontos de vista lançados sobre a perspectiva sebaldiana e aprofundar as análises que promovem uma revisitação de sua obra literária e crítica, contrastando e comparando abordagens múltiplas sobre a sua produção, assim como sobre seu contexto, suas influências e interlocuções. Cada um dos artigos que compõem o dossiê parece dar conta justamente das diferentes abordagens possíveis sobre a multifacetada obra de Sebald.

O dossiê abre com o ensaio visual de Daiana Schröpel, doutora em artes visuais pela UFRGS e artista visual com diversas exposições coletivas e individuais no país. Seu trabalho não poderia ser mais condizente com um dossiê sobre Sebald. **Elena Landkraut: apontamentos biográficos** é uma mistura de fato e ficção, trabalhando com a interface entre história, memória, ciência e criação ficcional. Ao apresentar a biografia em textos e imagens da botânica alemã que viveu em Porto Alegre entre 1918 e 1942, Daiana mistura personagens reais, fatos históricos e ficção. A exposição, em comemoração aos 100 anos da chegada da naturalista ao estado, apresenta não só imagens do trabalho de Elena, como também documentos e até mesmo uma fotografia da personagem. Esse incrível trabalho de criação documental-ficcional faz parte de um projeto maior da artista, apresentado na sua tese de doutorado, que criou uma instituição científica ficcional, o *Instituto Allotria de Análises e Intervenções Antrópicas Investigativas (IAAIAI)*, no qual se reúnem os trabalhos das personagens heterônomas Diana Argue, Ana Mucks, Claire Lumpen e Elena Landkraut. Os procedimentos de criação das biografias e dos trabalhos dessas cientistas, mesclam a arte com o imaginário da ciência, e refletem sobre os modos de organização e representação de um e de outro. Simulam, de modo formal e estrutural, as práticas de representação e apresentação tanto de contextos científicos quanto históricos. Daiana, em sua tese, parte do pressuposto de “que formas documentais instauram realidades ficcionais que operam como projeções especulativas sobre o presente e sobre o passado”, investigando os modos como

“regimes de representação criados mediante recursos demonstrativos, informativos, enunciativos, indiciais e protocolares produzem realidades na interface entre fato e ficção”⁸. Não é de se espantar que o próprio Sebald figure na tese da artista. Daiana mostra como a obra do autor dialoga com seu trabalho na forma como ambos refletem sobre as relações, as fronteiras entre fato e ficção. “De que modo diferenciamos eventos reais de circunstâncias ficcionais?”⁹, pergunta Daiana em sua tese, uma questão que é central à obra de Sebald, e sobre a qual ele mesmo reflete em várias de suas entrevistas.

Além disso, a escolha da personagem Elena Landkraut e das imagens de sua ‘vida’ para ilustrar este dossiê também combinam muito com Sebald, já que se trata de uma naturalista, cuja ‘obra’ dialoga com a tradição do naturalismo europeu dos séculos XVIII e XIX, muito presentes na obra do autor. Não só o método de criação desse ensaio visual, e do projeto no qual ele se insere, como seu conteúdo – a personagem, sua vida e sua obra – se relacionam com o universo ficcional-documental de Sebald, ambos tecendo questões sobre o documental ficcional ou o ficcional documental, as relações entre memória e história, entre fato e ficção.

Ficamos muito honrados com o aceite do professor Uwe Schutte para escrever um texto para nosso dossiê. Schutte é um dos maiores especialistas na obra de Sebald, e foi orientando do autor, no seu doutorado, na Universidade da Anglia do Leste. **Periferias europeias: Sebald fala em Tübingen (e uma digressão sobre Pierre Bertaux)** foca em um curto ensaio de Sebald, muito pouco conhecido e debatido entre seus críticos. “Europäische Peripherien” [Periferias Europeias] é baseado em uma palestra do autor em um evento em Tübingen, e é um dos raros casos em que Sebald expressa de modo mais claro algumas questões sobre política. Schutte mostra todo o contexto pessoal que envolvia a escrita dessa palestra, bem como a participação nesse evento, e apresenta uma interessante leitura das principais ideias de Sebald quanto às questões da unificação europeia e dos problemas que a humanidade enfrentava na passagem do século XX para o XXI. Nesse ponto, é importante o destaque do

⁸ Daiana Schröpel, 2020, p. 17.

⁹ *Ibidem*. p. 18.

autor para a relevância do livro *A Mutação Humana*, de Pierre Bertaux, para alguns dos problemas que Sebald traz na sua fala, e que se relacionam diretamente com a sua obra, especialmente no que toca ao tema da “história natural da destruição”. Sua palestra apresentava um ponto dissonante no clima otimista e empolgado do evento com as questões da União Europeia. Como mostra Schutte, Sebald, sempre um melancólico, sentia-se deslocado, e pronunciou uma fala que adiantava alguns dos problemas atuais da UE. Partindo do ceticismo inglês quanto às ideias centrais da UE (já vigentes no início dos anos 90 do século XX e que vai desembocar no Brexit), Sebald questiona o estatuto político dessa instituição diante do domínio de um “megamercado” neoliberal que estava se estabelecendo. No polo cultural, Sebald questiona se esse acordo entre contextos e tradições culturais diferentes não se daria dentro de uma crença iluminista de um desenvolvimento viável para o progresso social, cultural e político. Por outro lado, do ponto de vista material, entendia a UE como um projeto dominado antes pelo plano econômico sobre o político, e a crescente despolitização que o neoliberalismo impunha desde os anos 80 o século XX. Schutte mostra como a visão de Sebald sobre a economia e sua autoproliferação se encaixa na sua ideia de história natural da destruição, e, com isso, nas suas tantas reflexões, em outros textos mais conhecidos (como as palestras sobre Guerra Aérea e Literatura), sobre a mutação que o ser humano vem sofrendo, a padronização imposta pelas tecnologias, que levam a humanidade a se tornar cada vez mais outra coisa, domesticada pelas máquinas. Assim, o curto texto da palestra, serve para Schutte como um ponto de força centrífuga que dispara linhas de reflexão em direção a outros trabalhos de Sebald e a questões centrais de sua obra ficcional.

A mesma melancolia que possibilita a Sebald este proveitoso deslocamento crítico analisado por Schutte, é motor para um desenvolvimento estético-formal próprio, como analisa Biagio D’Angelo em seu **Os Anéis de Saturno. O instinto enciclopédico de W. G. Sebald**. O professor de Estética e Teoria da Arte do Instituto de Arte da Universidade de Brasília (UnB) observa justamente como a tendência à melancolia para viagens longas, incorporada por Sebald a partir de Walter Benjamin, tem um efeito importante na forma de suas obras, em geral, e em seu *Os Anéis de Saturno*, em particular. Os saberes noturnos e

saturninos que atravessam o livro não limitar-se-iam aos personagens e eventos que o habitam, mas atravessariam a própria maneira através da qual o autor subverte a natureza enciclopédica da narrativa moderna ocidental. D'Angelo demonstra de modo atento e detalhado como a consciência da falência da pretensão totalizadora da arte, própria dos romances enciclopédicos do século XX, é incorporada por Sebald sem, no entanto, recorrer à ideologia do arquivo – tão comum à literatura do século XXI. O “mal de arquivo” em Sebald cede espaço à ligação e reordenação entre o arquivo e aquilo que foi esquecido de modo deliberado; aquilo que foi impreterivelmente perdido no curso dominante e dominador da história.

O artigo seguinte, do professor Kelvin Falcão Klein, faz uma análise de uma cena em *Austerlitz* em que uma foto é tirada de dentro de um livro antigo. Essa cena simples permite uma reflexão sobre o modo como o “reino dos mortos” é acessado na obra de Sebald. Klein parte da reflexão teórica de Friedrich Kittler, em especial no livro *Gramofone Filme Máquina de escrever*, em que o teórico reflete sobre as mudanças nos regimes de acesso a esse reino a partir das inovações tecnológicas, em especial o gramofone, o filme e a máquina de escrever. Essa mudança de paradigma se dá no momento em que o paradigma alucinatório da literatura começa a ser abalado pelos efeitos da eletricidade, do som e da imagem gravadas. Esse paradigma alucinatório se dava a partir da confusão, deliberadamente causada pela literatura, entre literatura e natureza, entre experiência de leitura e experiência espontânea de mundo. A possibilidade de causar um choque no leitor, através da mistura de sensação e alucinação, da evocação de cores, sombras e luzes, pressuposto por Hoffman, viria a ser abalada pela eletricidade, pela imagem e o som gravados. Com isso, a evocação de lembranças, sonhos, fantasmas e alucinações se tornaria desnecessária para autores e leitores, segundo Kittler, que afirma que o reino dos mortos passou a ser um espetáculo midiático. Nesse contexto, Kittler lembra da relação dúbia de Balzac com a fotografia: o autor tinha medo de tirar fotos, acreditando que elas roubavam as várias camadas que formam a fisicalidade de todo sujeito, ao mesmo tempo em que pretendia, na sua *Comédia Humana*, criar seus personagens como daguerreótipos. É em autores como Goethe, Hoffman, Balzac e Poe que Kittler encontra o paradigma alucinatório da literatura antes da chegada das novas

tecnologias. Para Kelvin, Sebald mistura esses dois registros ao trazer para seus livros as imagens e o texto na construção de suas narrativas habitadas por mortos. Ele dá especial atenção à cena, em *Austerlitz*, em que o protagonista recebe de uma testemunha do seu passado uma foto tirada de dentro de um volume de *O coronel Chabert*, de Balzac. A partir da análise dessa cena, Klein mostra como os dois paradigmas, alucinatório e midiático, são postos em ação na obra de Sebald na evocação constante do reino dos mortos em sua obra.

O uso da fotografia como recurso formal, especialmente em *Austerlitz*, também é objeto de investigação de Luciano Gatti em **Duas fotografias em Austerlitz, de W. G. Sebald**. A natureza contraditória da fotografia é discutida por Gatti a partir de duas imagens principais presente no mais célebre livro de Sebald: um retrato em campo aberto de um Jacques Austerlitz ainda garoto, vestindo trajes antiquados – foto esta que serve de capa à edição brasileira do livro – e uma fotografia do rosto de uma jovem atriz dos anos 1930, que o protagonista encontra em arquivo em Praga e que provavelmente se trata de sua própria mãe, pouco antes de ser transferida para *Theresienstadt*, em 1939. A partir de um estudo sobre esses dois retratos, o artigo discute a natureza contraditória da imagem fotográfica, que sintetiza em si mesma a tensão entre a inevitável aderência da fotografia ao referente e um caráter de imprecisão factual que permite a ela uma abertura à ficcionalização. Sebald pensaria a fotografia tendo em vista sua força constativa sobre o real – o que certamente o aproxima das proposições de Barthes –, e precisamente por isso ela poderia servir de matéria prima à prosa de ficção, permitindo que o trabalho literário se ancore na experiência histórica sem precisar recorrer à abordagem imediata dos documentos. Deste modo, questionando as interpretações que aproximam Austerlitz da forma romance por conta de sua “unidade” formal, Gatti propõe que a aparência de unidade se deve justamente ao trabalho sobre o factual da prosa: Sebald, que nega qualquer disposição romanesca em sua obra, faria uma livre interpretação da teoria do *punctum* barthesiana como um estímulo à narrativa, que pode recorrer aos procedimentos ficcionais sem necessariamente se deslocar do factual.

Essa relação entre ficcional e factual é igualmente explorada por Edmo Videira Neto em seu ensaio **Quando Hayden White encontra Sebald: Austerlitz entre o fardo da história e o passado prático**. A epígrafe, de autoria de White, mas que certamente poderia ser encontrada no decorrer dos textos críticos e ficcionais de Sebald, já dá o tom do sentido da comparação proposta por Neto: “a história deve permanecer um mistério a ser ponderado, mais do que um enigma a ser resolvido”. A aproximação entre o historiador e o autor não é fortuita: o próprio White se apropria do pensamento sebaldiano em seus trabalhos finais, tratando *Austerlitz* como uma espécie de alegoria para as desvantagens da história. Partindo deste proveitoso encontro de dois grandes críticos da historiografia oitocentista, o ensaio tenta observar os pontos de contato estabelecidos entre a obra de ambos no que concerne a uma proveitosa dissolução entre história e literatura, entre empiria e imaginação, entre ficção e acontecimento. A aproximação entre esses autores de origens e práticas em tese tão distintas possibilita uma renovação sobre a abordagem dada ao material histórico. Usando *Austerlitz* como o foco da comparação, Neto reflete sobre a ideia de fardo da história e sobre o conceito whiteano de passado prático, presente igualmente na obra do autor alemão. A comparação proposta permite não apenas estimular a reflexão a respeito das formas de narrar o passado, mas principalmente a respeito dos dilemas éticos da prática historiadora.

Os dois últimos textos que compõem este dossiê não foram escritos diretamente para ele. Trata-se da republicação de duas traduções que haviam sido originalmente publicadas na antiga revista *Philia*. Eles não tratam diretamente de Sebald, mas foram colocados aqui porque versam sobre temas relacionados a sua obra, e muito caros ao autor.

O primeiro deles, é a tradução de um dos ensaios contidos no livro *Die Grenzen des Aesthetischen* [Os limites da estética], de Karl Heinz Bohrer, intitulado **Ética e estética. Não como polaridade, mas como diferença**. A questão central aqui é o debate filosófico sobre essa relação entre o ético e o estético, que perpassa as reflexões teóricas de grandes pensadores do romantismo ao modernismo e adiante. A suposição filosófica de que deve haver, *a priori*, uma relação do ético com o estético esteve em questão no idealismo e romantismo

alemão, o qual, embora proclame a autonomia do estético enquanto diferença e alteridade do ético, nunca realmente conseguiu descolar o primeiro do segundo. De Schiller a Schelling, passando por Hegel e Hölderlin, as teorizações seguem a restrição do estético em nome de algum regulativo ético. Segundo Bohrer, essa relação parece estar na natureza das coisas, pois até mesmo na arte pós-romântica, que tentou traçar uma fronteira entre as duas esferas, isso só seria possível como um reconhecimento prático, sem conter alguma prova de uma diferença absoluta entre os dois. Assim, qualquer reflexão séria sobre a questão deve partir da aporia teórica de que ética e estética são duas formas do espírito que não podem ser mediadas e não tem condições de conexão. Os três pensadores que ele traz, Kierkegaard, Musil e Adorno, ajudam a pensar essa tensão entre as duas esferas. Eles interiorizaram essa experiência romântico-moderna, mas não se tornaram suspeitos de nenhum idealismo. Antes, segundo Bohrer, eles foram influenciados pela *Imaginação do 'maligno'* (Bataille), que consiste na dispensa da categoria de futuro e numa disposição momentânea. Suas reflexões se tornam férteis, pois eles mantiveram um *a priori* ético, o que fomenta o interesse do autor em dissolver aquele elo entre ético e estético. Se, no contexto do idealismo alemão, ele dissolveu o engodo de Schiller, mostrando que sua defesa do estético não abandonava o argumento ético, nesses três pensadores ele irá inverter, de forma análoga, seus argumentos em favor do ético.

As questões levantadas nesse texto são ricas em possibilidades de pensar a própria obra de Sebald, que tinha uma grande preocupação com essa problemática da relação ética-estética. Os conceitos de *Stimmung* (atmosfera), de Kierkegaard, de tonalidade, de Musil, e as reflexões adornianas sobre a arte e o terror são agenciadas por Bohrer para mostrar que a relação entre ética e estética só pode vingar no plano da teoria da sociedade e da filosofia da história. É preciso ir além de uma visão meramente conteudística dessa relação, e mostrar que eles não se relacionam de fato, a não ser em uma tensão que advém justamente das teorizações. Por fim, a última seção do texto trata de uma preocupação do autor com o atual momento da estética, e da problemática de uma estetização da vida e da política, num movimento paralelo em que as ciências da arte e da literatura passam a ser subvencionadas como ciências histórico-sociais. Essa problemática trará uma discussão sobre o atual império das imagens e do que isso acarreta para

um esvaziamento do literário. Tal discussão não deixa de ser também extremamente rica para os estudos sebaldianos, pois toca em muitas das principais questões que perpassam tanto a obra do autor quanto o corpus crítico sobre ela.

Por fim, a leitura do artigo **Arte e Ética na Teoria Humanista da Pintura**, de Carole Talon-Hugon, também auxilia os leitores de Sebald no processo de analisar o sentido histórico, ético e estético que as imagens, mais especificamente as pinturas, exercem em sua obra. Propondo-se a investigar como a pintura desempenhou um papel moralizador ao longo do tempo – o que foi radicalizado com a teoria humanista da pintura – a autora tenta compreender historicamente o que chama de “uma crença ingênua” no poder formativo das imagens. Não obstante o fato da tradição ocidental entender que as pinturas deveriam ser desenvolvidas a partir de fortes preceitos éticos e morais, seu efeito imediato no real não pode ser medido ou controlado. Essa discussão é igualmente presente em Sebald, que olha com desconfiança as narrativas pictóricas que frequentam os seus livros, dando a elas uma relativa autonomia a partir da qual seus exercícios imaginativos se tornam possíveis.

Por outro lado, essa autonomia é apenas parcial: Sebald parece negar a autonomia total, não apenas da pintura, como das imagens, no geral. Os supracitados artigos que trabalham com a fotografia nas prosas ficcionais do autor, dão conta justamente de analisar como Sebald tensiona o factual com o ficcional, recusando uma possível autonomia irrestrita do imagético. Este também é um problema presente no artigo de Talon-Hugon, que olha com ressalvas a nossa época, entendendo que, com o rompimento com a teoria humanista da pintura pela arte moderna, a picturalidade do que é pintado ganha contornos tão extremos que seus conteúdos são esvaziados. Deste modo, a autora francesa e o alemão parecem compartilhar de um mesmo impulso crítico que procura revalorizar o conteúdo das imagens, mas sem necessariamente recorrer à lógica moralista e totalizante da teoria humanista da pintura.

Esperamos que os trabalhos do presente dossiê possam enriquecer um pouco mais a fortuna crítica crescente sobre Sebald no Brasil, assim como estimular mais e mais pesquisadoras e pesquisadores a entrarem nessa obra tão

rica e multifacetada quanto complexa e trabalhosa. Estudar a obra de Sebald é certamente um desafio, mas também um deleite. Por ser tão rica, ela pode ser ainda fonte de muitas problematizações e discussões sobre temas importantes para nosso momento atual. A sua voz, mesmo vinte anos após sua morte, certamente ainda ressoa em nossas vidas, e tem a potência de ressoar ainda mais. Esperamos que este dossiê dê uma pequena mostra dessa potência.

Referências

BUENO, André. A pequena escala: Sebald e as mediações da memória. Rio de Janeiro: Lamparina, 2017.

SCHRÖPEL, Daiana. Instituto Allotria: ficcionalização documental e autoral na construção de projeções especulativas sobre o presente e o passado. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, 2020.

SZIRTES, George. Meeting Austerlitz. In: SZIRTES, George. Reel. London: Bloodaxe Books, 2004.

Referência para citação desta apresentação

MALCHER, Beatriz & TOMM, Davi Alexandre. Apresentação: Sua voz em nossas cabeças: 20 anos sem Sebald. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 2, p. 1 – 15, dezembro de 2021.